



Passio Christi et Ars.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.4, No.7, abril 2023 – *Passio Christi et Ars.*

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: imagem obtida a partir de um fragmento de foto do Sudário de Turim, invertida e tratada em P&B.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Passio Christi ou a *Paixão de Cristo* é o evento litúrgico mais importante do Cristianismo Católico Apostólico Romano. Se refere aos acontecimentos que ocorreram entre a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém e sua Ressureição, de acordo com os Evangelhos Canônicos. No contexto da Arte Visual se tornou um dos temas mais explorados pela iconologia Cristã desde a Idade Média.

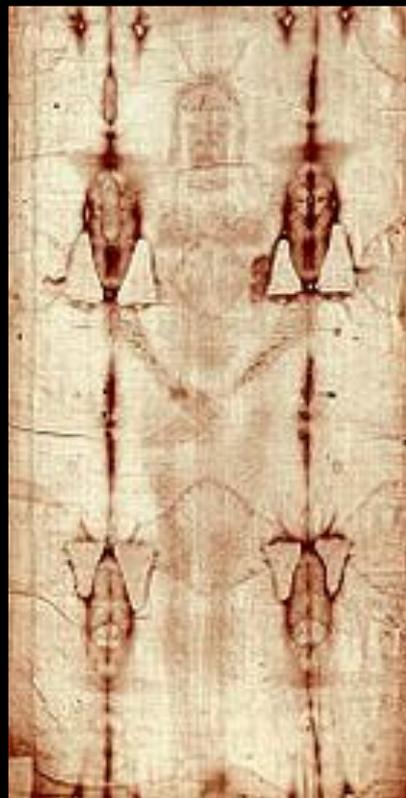
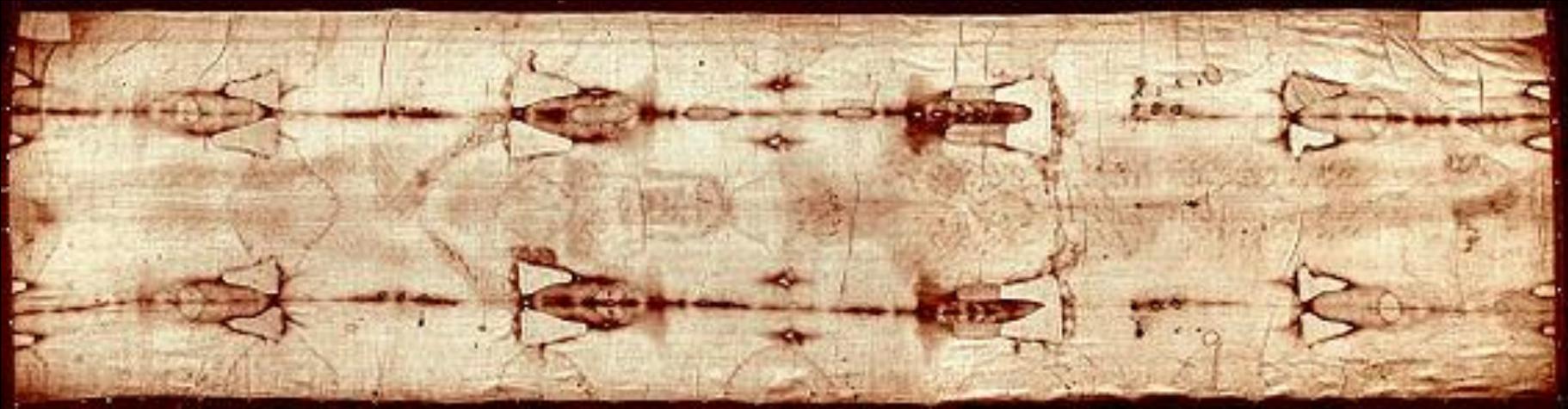
O que motivou a escolha deste tema foi o lançamento de uma exposição sobre a Paixão de Cristo criada a partir do Sudário de Turim e realizada pela primeira vez em 2022, em Salamanca, na Espanha. O Sacro Sudário ou *Sacra Sindone*, um lençol de linho no qual há uma imagem, invertida como um negativo que, como disse o Papa Francisco em 2020, é o "ícone de um homem flagelado e crucificado".

O cuidado que teve o Papa Francisco ao se referir à imagem como de um homem flagelado e crucificado e não afirmar que é o tecido que recobriu o corpo de Cristo após a deposição da cruz, se deve às muitas controvérsias que surgiram desde o aparecimento desta peça histórica em 1354. Desde 1578 está na Catedral de Turim na Itália. Tem sido submetido continuamente a testes para definir sua idade e veracidade.

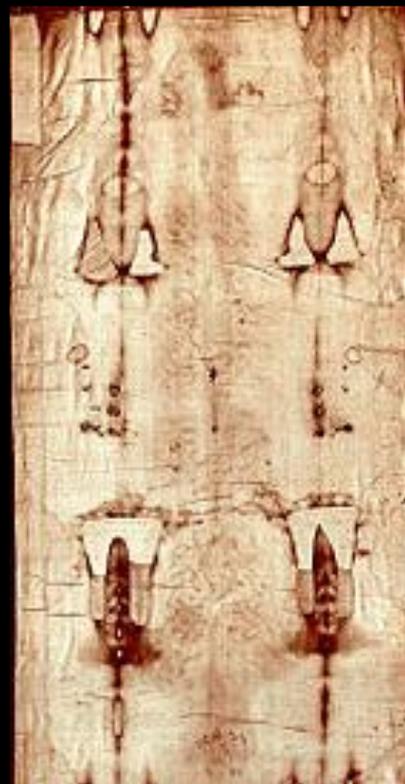
Uma datação controversa por radiocarbono, realizada em 1988, determinou o período de seu surgimento entre 1260 e 1390, que coincide com as primeiras referências feitas à sua existência. Não há evidências de que tenha sido criado a partir de técnicas artesanais, como a pintura ou desenho, ao que parece resulta de um processo de oxidação natural de fluídos “não produzido pela mão humana” o que tem lhe conferido a condição sacra.

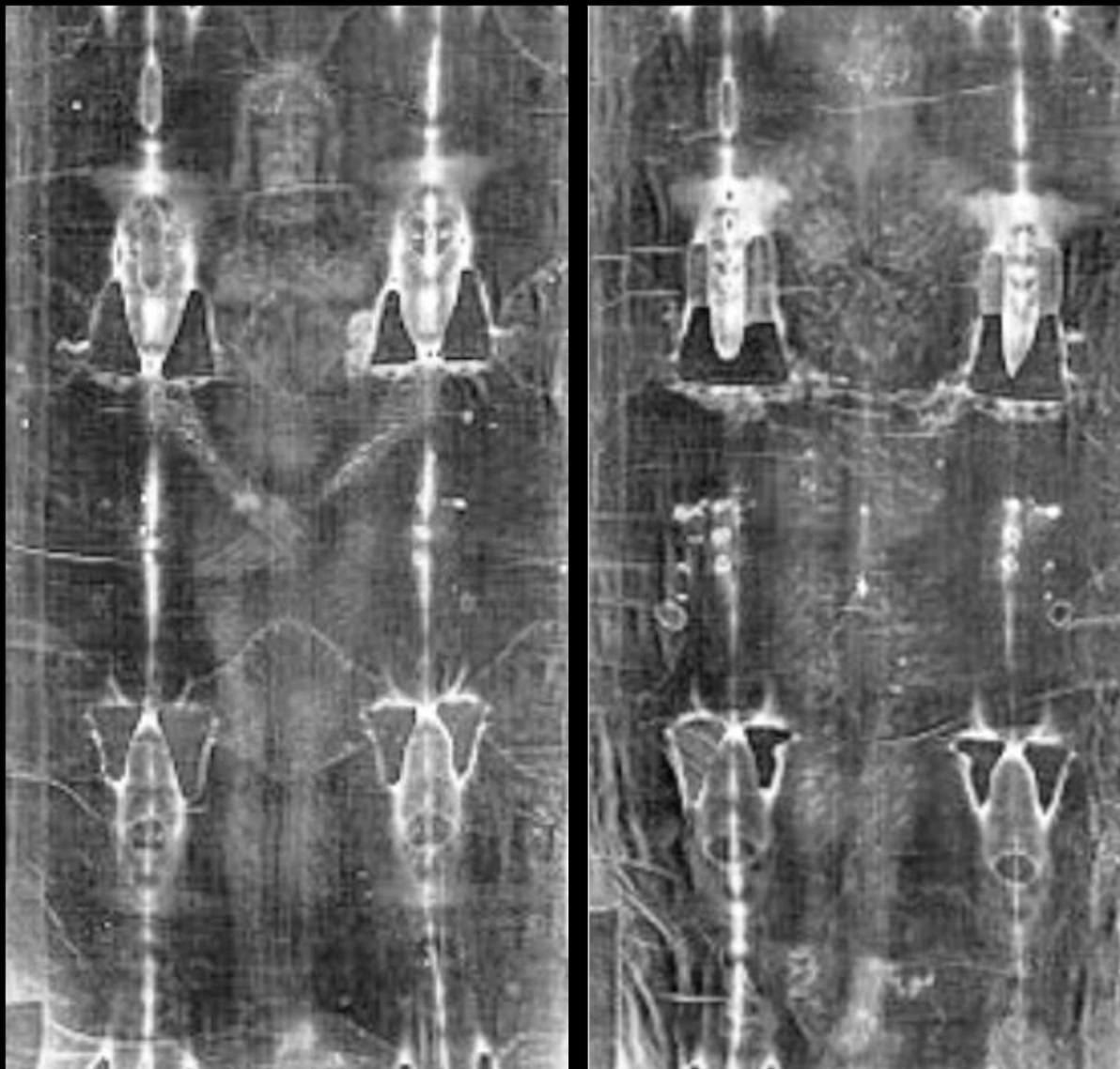
Independente do caráter das análises científicas, ainda há detalhes que não confirmam se o Sudário envolveu ou não o corpo de Cristo, esta é uma questão que recorre a fé e fé não se baseia em dados técnicos ou científicos, mas em crença. A mostra aqui citada, foi aberta em 14 de outubro de 2022 na catedral de Salamanca, Espanha com o título de “O Homem Misterioso”. A mostra foi produzida a partir de evidências forenses obtidas do Sudário.

A peça central é uma figura humana construída de modo Hiper Realista representando o corpo que teria sido envolvido pelo sudário. Os detalhes obtidos pela imagem impressa foram analisadas e reconstruídas com base no conhecimento forense e do corpo que teria permanecido naquela mortalha. As imagens obtidas são impressionantes.



Acima a imagem completa do Sudário de Turim: à esquerda frente, à direita costas. Abaixo, à esquerda um recorte da imagem frontal do corpo envolvido por ele e à direita uma imagem da parte posterior do corpo. Estas imagens foram a base para a reconstrução da peça escultórica em exposição.





Aqui estão as imagens Sudário obtidas do original. Funcionam como a cópia positiva de um negativo fotográfico. A da esquerda mostra o corpo de frente e a da direita, de costas. A primeira vez que a imagem do sudário foi vista em positivo foi em 1898, por meio do negativo fotográfico de uma fotografia de Secondo Pia.



A imagem fotográfica da face impressa no Sudário. À esquerda, como está na peça, à direita convertida em negativo, o que positivou a imagem revelando detalhes da imagem.



O curador da exposição, Álvaro Blanco, disse que a reconstituição foi feita por meio de estudos realizados durante quinze anos e contou com a colaboração de vários artistas e artesãos.



Aqui, uma das imagens obtidas do filme de divulgação da exposição na Catedral de Salamanca, onde se vê parte do Sudário e a imagem reconstituída a partir dele:

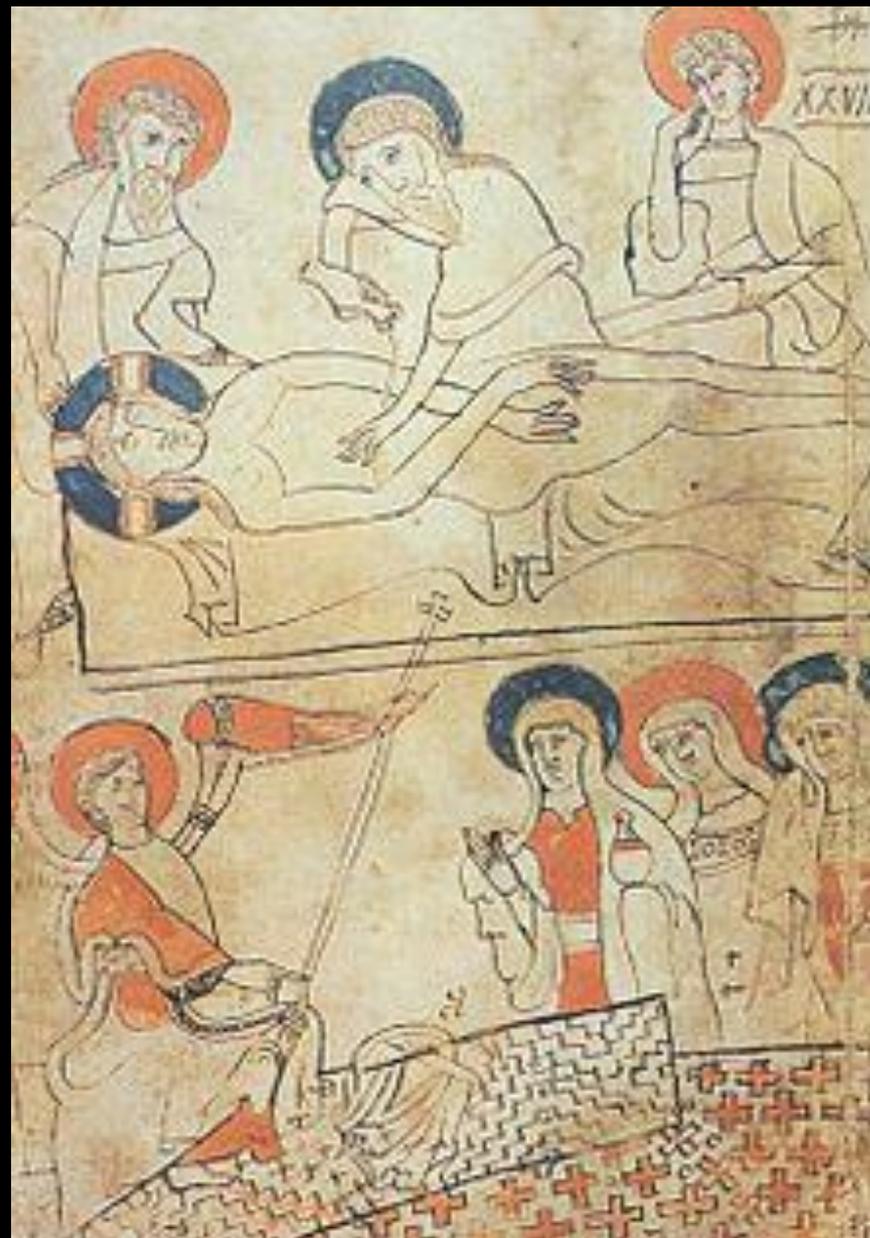
<https://www.youtube.com/watch?v=tgbEJulDxig>



Detalhes de imagens obtidas do filme de divulgação da exposição na Catedral de Salamanca:

<https://www.youtube.com/watch?v=tgbEJuIDxig>

As tentativas de entender a imagem abrem debates constantes ao longo do tempo. Uma das primeiras referências ou representação que descrevia como ao corpo de Cristo foi envolvido no Sudário é encontrada numa ilustração do “Manuscrito Húngaro de Preces”, de 1192, cujas imagens coincidem com a posição do corpo impressa no Sudário de Turim.



Independente de existirem provas cabais de que o Sudário contém ou não imagens resultantes dos vestígios decorrentes do envolvimento do corpo de Cristo em sua superfície, o que importa de fato é o mistério que o envolve e as coincidências que têm em relação as descrições bíblicas, especialmente nos evangelhos canônicos do Novo Testamento de Mateus, Marcos, Lucas e João, suficientes para reforçar a fé Cristã.

Foi esta fé Cristã e sua difusão por meio de textos e, principalmente, imagens que consolidou boa parte da memória iconográfica construída ao longo dos séculos, da Idade Média até hoje. Desde as primeiras manifestações artísticas oriundas das Catacumbas Romanas até os grandes templos Católicos contemporâneos, a presença do Cristo crucificado é recorrente em boa parte delas.

A Crucificação, Ecce Homo, O Erguer da Cruz, Descida da Cruz, Sepultamento e outras referências a este momento da fé Cristã, se tornaram temas recorrentes no contexto da Arte Visual desde os primeiros momentos em que o Cristianismo nasceu. Artesãos, artistas e escritores produziram informações e narrativas recorrendo ao momento da Paixão de Cristo.

A palavra "paixão" vem do latim *passio* e significa sofrimento, esta é a motivação da Semana Santa.

Um período dedicado a lembrar o sofrimento de Jesus submetido às torturas infligidas a ele por ocasião de sua captura e morte sob as ordens do Império Romano, conforme as narrativas construídas ao longo do tempo sobre este acontecimento.

Não faltam representações deste momento desde as primeiras manifestações realizadas a partir da aceitação do Cristianismo pelo Império Romano no ano 313 d.C. com o Edito de Milão promulgado por Constantino Magno, no mesmo século, no ano de 384 é publicado o Edito da Tessalônica, de Teodósio Magno. A partir dele o Cristianismo se torna a religião oficial do Império Romano. Constantino, ao liberar o Cristianismo, também transfere a sede do poder para Constantinopla.

A colônia grega de Bizâncio foi a escolhida para a transferência de parte do Império Romano, chamado a partir de então Império do Oriente. Em 330 foi inaugurada a Cidade de Constantino: Constantinopla.

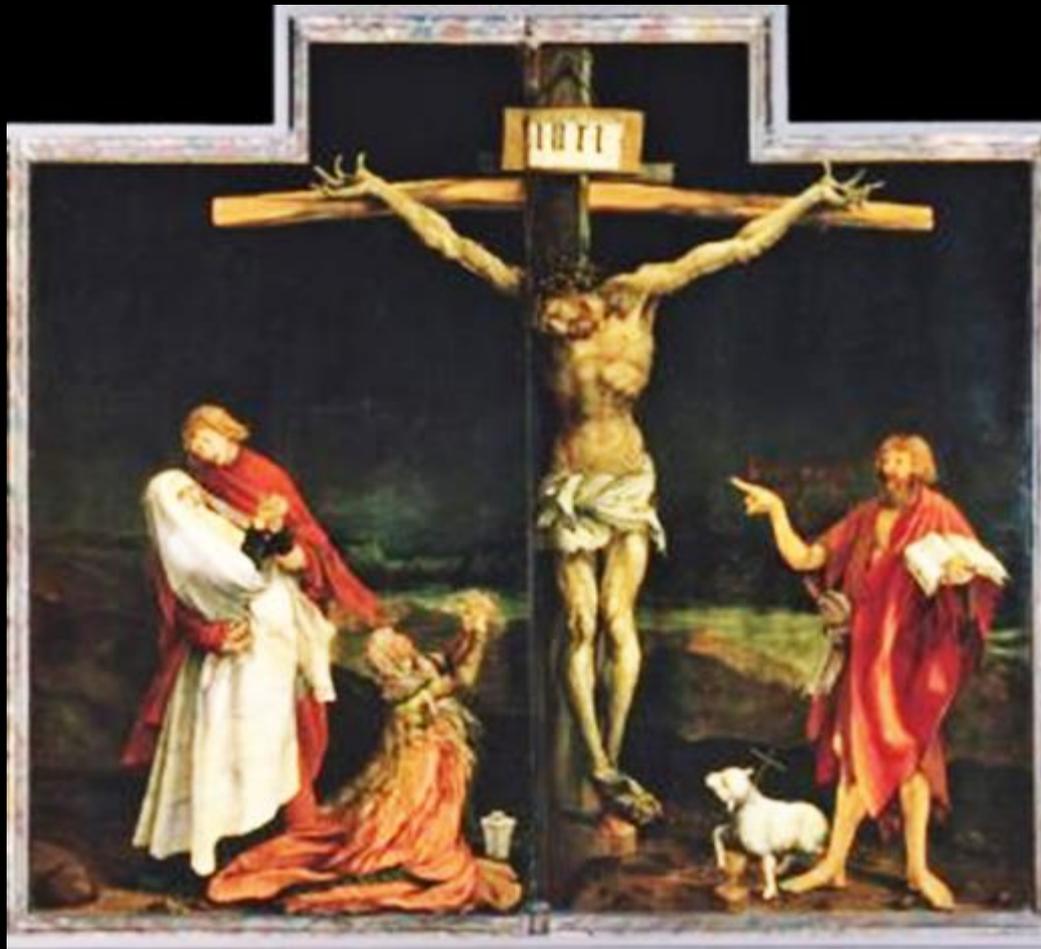
O domínio romano na região durou mil anos, até sua queda com a tomada de Constantinopla pelos Turcos Otomanos em 1453, marcando o fim da Idade Média. Atualmente é a cidade de Istambul na Turquia.

Considerando o percurso histórico do Cristianismo, os cultos vão recorrer à memória de Cristo nas diferentes fases de sua vida. As manifestações visuais são relacionadas aos vários estágios relatados pelos seus biógrafos, autores dos quatro Evangelhos Canônicos no Novo Testamento: Mateus, Marcos, João e Lucas. Os relatos o acompanham desde a enunciação à Maria de sua gravidez pelo Espírito Santo, até sua morte e ressurreição.

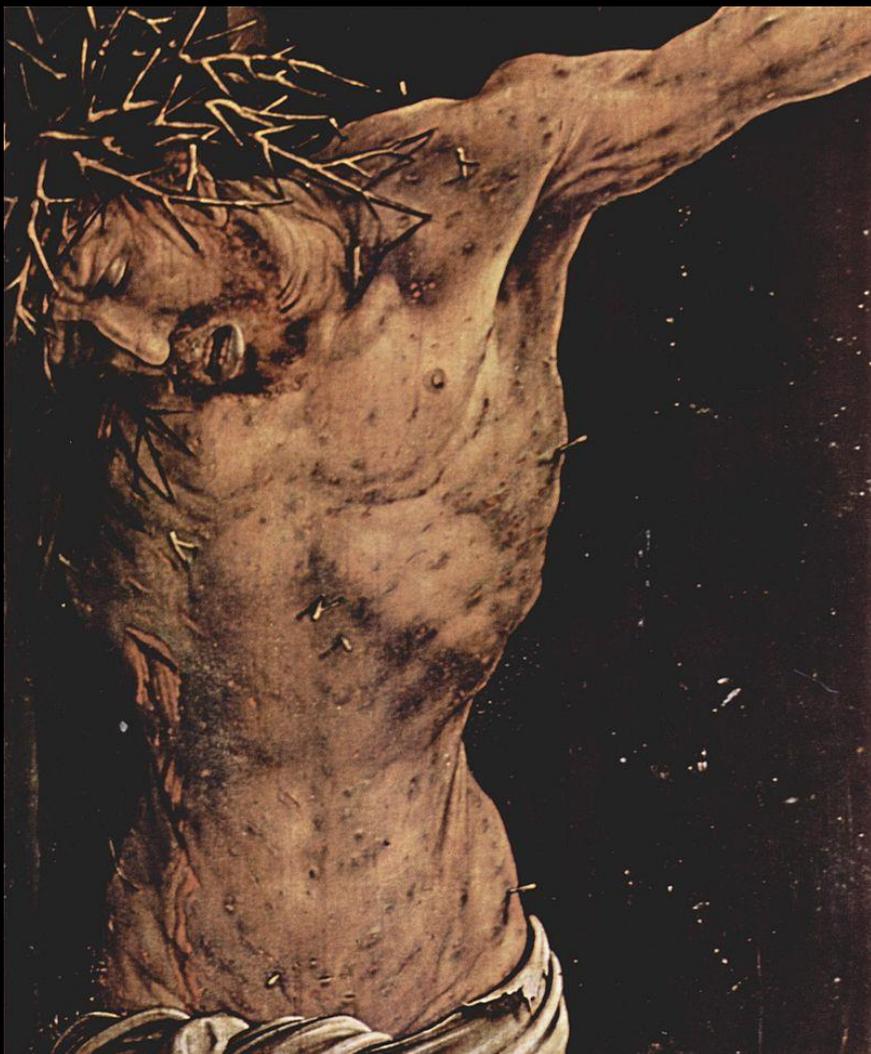
O interesse maior deste texto é a Paixão de Cristo, as representações que tratam dos momentos finais de sua vida: o martírio das torturas e da crucificação, justamente pelo fato de que as pistas obtidas através dos relatos e imagens coincidem em boa parte com o registro obtido pelos estudos realizados ao longo dos anos, sobre o Sudário de Turim, tema desta publicação.

A meu ver, uma das versões da crucificação mais intensas e expressivas está no ***Retábulo de Isenheim***, esculpido por Nikolaus Haguenau e pintado por Mathias Grünewald entre 1512–1516. Possui três configurações que relatam eventos da vida de Cristo e a presença de alguns santos. É um retábulo complexo, com várias partes, a pintura de Grünewald mostra, dentre os momentos da vida de Cristo, o principal deles: a cena da Crucificação.





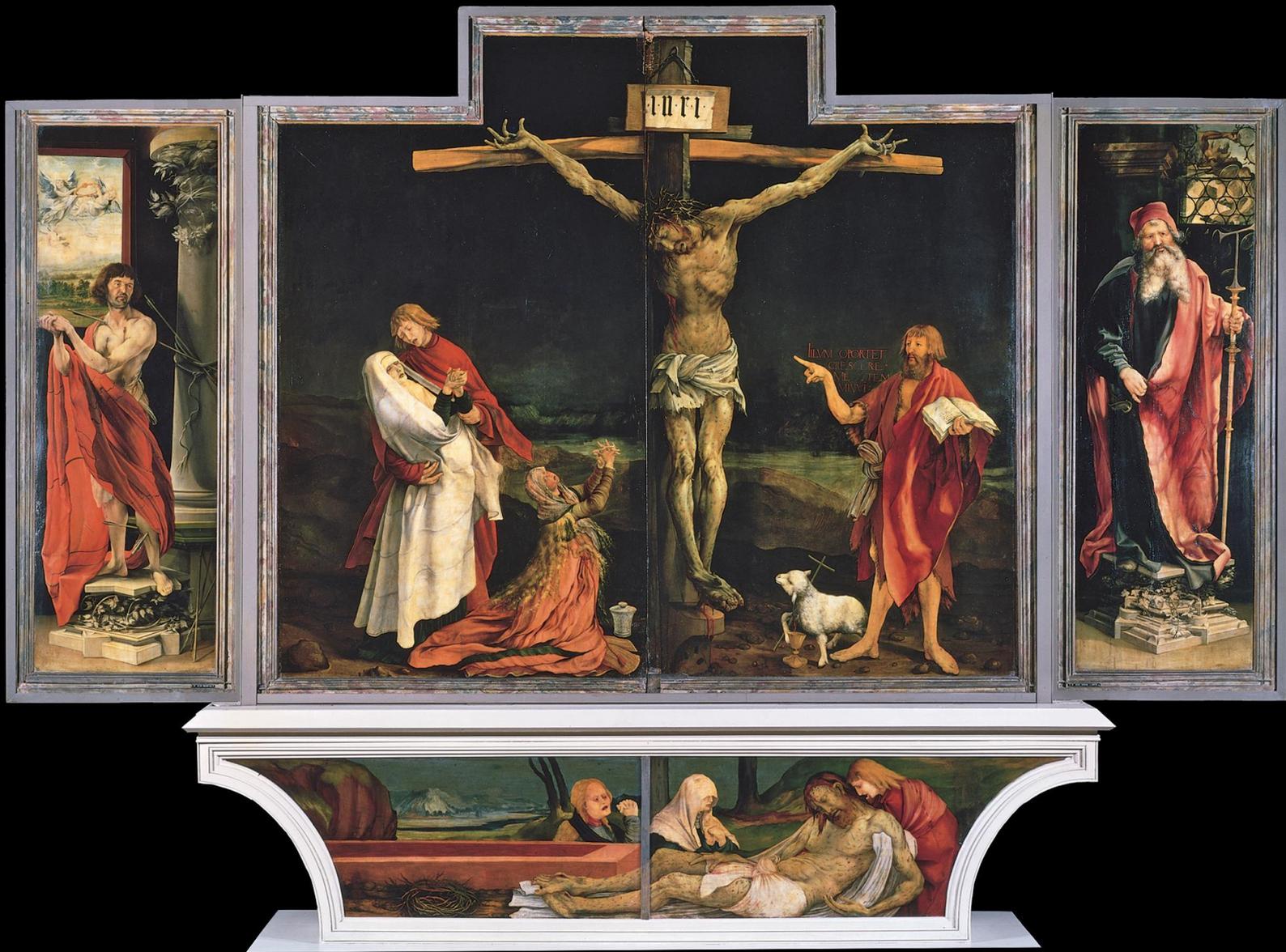
Na cena da crucificação, à esquerda está Maria em desespero e amparada; aos pés da cruz, ajoelhada está Maria Madalena, à direita a presença de S. João Batista, trazido simbolicamente ao momento da crucificação, já que havia morrido muito antes e ao seu lado o Cordeiro de Deus. A morte de Cristo, segundo a crença, se torna responsável pelo resgate dos pecados mundanos da humanidade.



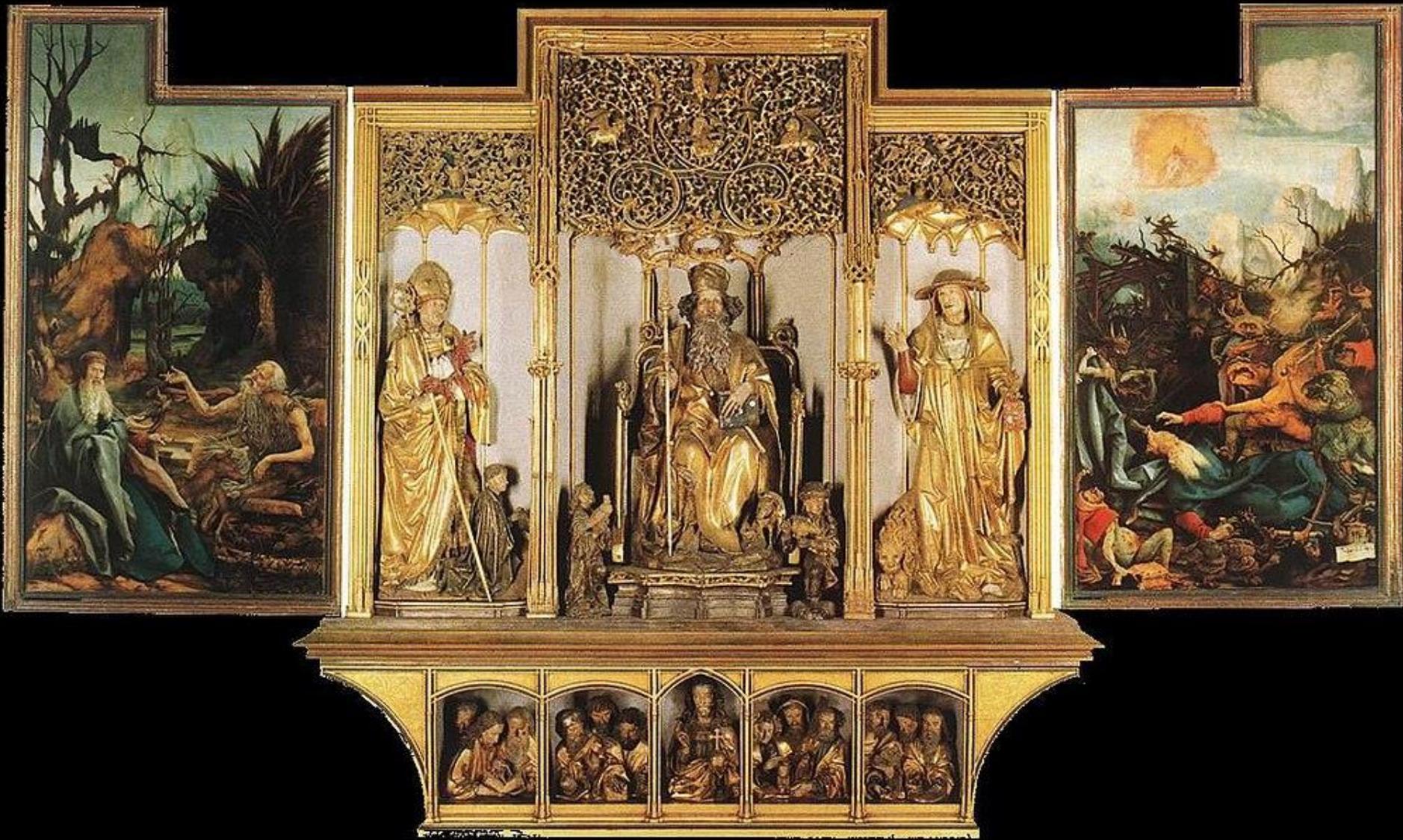
Detalhes da crucificação mostrando o corpo flagelado e as mãos contorcidas denotando sofrimento e dor. Nem sempre a representação do corpo crucificado evidencia a dor e o flagelo, em geral são mais suavizadas, neste caso, há uma aproximação maior com o que mostra o Sudário de Turim.



Visão geral do painel fechado, a parte escultórica de Nikolaus Hagenau. As esculturas de Santo Agostinho, Guy Guers e Santo Antonio. Abaixo Cristo e os Apóstolos.



Três faces expositivas frontais, à esquerda São Sebastião, ao centro a Crucificação, à direita Sto. Antonio Eremita, em baixo Cristo levado ao sepulcro.



A face frontal fechada, com as duas abas traseiras abertas à frente, com as Tentações de Sto. Antonio.



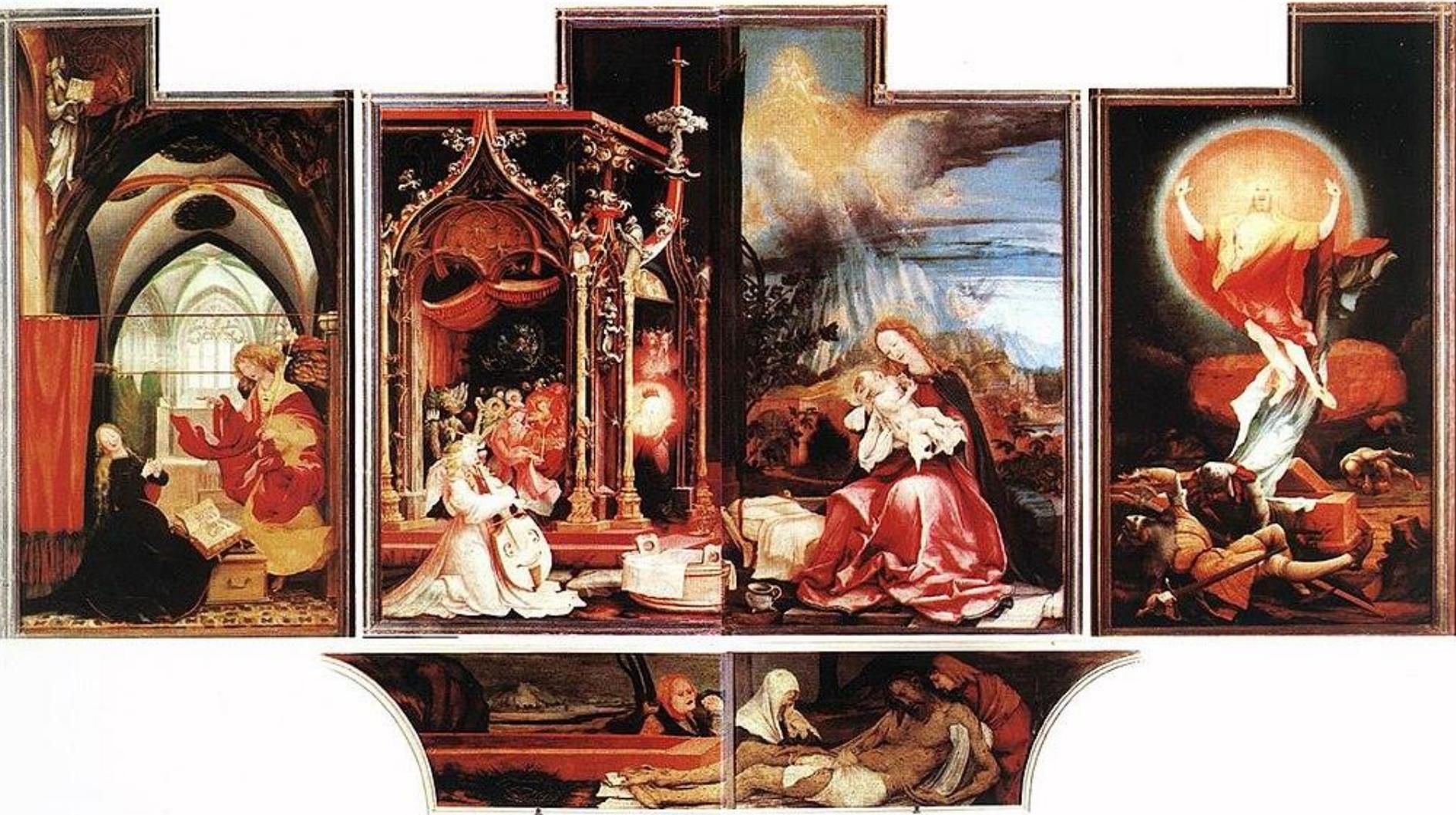
As costas do retábulo – Anunciação, à direita e Ressurreição de Cristo a esquerda.



Costas do retábulo fechado 1 - O Concerto dos Anjos e o Nascimento ou Encarnação de Cristo.



Costas do retábulo fechado 2 - Tentações de Sto António₅



O segundo conjunto do retábulo frontal com a Enunciação, o concerto angelical, a Encarnação de Cristo, Ressurreição de Cristo e Cristo no sepulcro.

A menção ao Retábulo tem por finalidade reforçar a ideia da Paixão de Cristo, especialmente pelo exercício da função para a qual ele foi construído no Mosteiro dos Antoninos de Isenheim. Os monges eram dedicados a tratamento e cuidados dados aos doentes acometidos por doenças da pele. O Retábulo foi realizado para o hospital desse mosteiro onde os doentes eram levados para tratamento em busca do alívio da dor pela oração e pela fé ou para encontrar consolo na contemplação do sofrimento do Cristo no Retábulo.

De modo geral há, entre as várias lições decorrentes dos ensinamentos atribuídos a Cristo, alguns princípios relevantes: Justiça, Verdade, Honestidade, Lealdade, Humildade, Gratidão e Caridade. Independente de serem ou não apregoados e apropriados por religiões institucionalizadas ou por ideologias, são diretrizes humanitárias, que devem fazer parte de qualquer regime ou ideário e serem compartilhados indistintamente com todos independente de posição social, gênero, etnia etc.

É comum, em muitas religiões institucionalizadas, a busca por fiéis que sigam cegamente dogmas e posturas ritualísticas sem colocar em prática os princípios aqui apontados e pior sem consciência disto. A questão nem sempre é de fé, mas de instrumentalização de pessoas em prol e benefício de interesses de grupos religiosos, políticos ou ideológicos, deixando de lado os princípios humanitários.

Não há dúvida de que as questões de caráter espirituais e materiais humanas são dignas de atenção, mas não basta promover o apoio espiritual sem reconhecer as limitações materiais de grande parte da população mundial. Mais da metade da renda mundial pertence a dez por cento da população mais rica e praticamente, quase setenta por cento da população mundial, mais pobre, não chega a deter um terço disto. O que isto tem a ver com a Paixão de Cristo?

A resposta mais imediata e óbvia é TUDO!

O rito final da semana da Paixão de Cristo, comemora a Ressurreição, ou seja o seu Renascimento como Deus Pai. Para seus seguidores é a ocasião para a Renovação da fé, de seus princípios, valores e crenças. Neste sentido, não é uma festa comercial de guloseimas e “ovos de Páscoa” que se comemora, mas a instauração de um período de reavaliação.

Um momento para rever condutas, posturas, relações, entendimentos e valores, estes são os motivos deste evento. Não há dúvidas que muitas religiões professam a fé e prescrevem ética, moral e valores humanos, mas isto não parece refletir nas condutas das pessoas, especialmente na dos dirigentes de nações que, apesar de se dizerem religiosos, não promovem ações humanitárias, apenas hipocrisia demagógica.

Entendo que o ser humano precisa e depende de ritos simbólicos que o ampare em momentos de tensão, dificuldade e de dor. Isto é ser Humano e a crença é um dos meios que a humanidade adotou para estabelecer um equilíbrio emocional, talvez o mais recorrente por ser atávico. Hoje em dia, há outras alternativas, até medicamentosas, no entanto, a humanidade por sua índole, depende de crenças.

O que motivou este texto, como disse no início, foi a exposição sobre a Paixão de Cristo, realizada em Salamanca, na Espanha por ter sido criada a partir do Sudário de Turim. Entendo que o Sudário, independente de ter sido ou não a coberta do corpo de Cristo, é como disse o Papa: “*O ícone de um homem flagelado e crucificado*” e completo: cuja imagem representa o maior pecado da humanidade, a violência sobre os indefesos.